UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
ÁREA DE ARTES E ARQUITETURA
BACHARELADO EM ARTES VISUAIS

NICOLE MARTINATO VANZIN

(IM)PESSOALIDADE NUMÉRICA: REGISTRO NA PELE

CAXIAS DO SUL – RS
2018

NICOLE MARTINATO VANZIN

(IM)PESSOALIDADE NUMÉRICA: REGISTRO NA PELE

Projeto de Trabalho de Conclusão de Bacharelado em Artes Visuais, da área de artes e arquitetura da Universidade de Caxias do Sul.

Orientador Prof. Dra. Silvana Boone

CAXIAS DO SUL - RS
2018

NICOLE MARTINATO VANZIN

(IM)PESSOALIDADE NUMÉRICA: REGISTRO NA PELE

Projeto de Trabalho de Conclusão de Bacharelado em Artes Visuais, da área de artes e arquitetura da Universidade de Caxias do Sul.

Aprovado em 12 de julho de 2018

Banca Examinadora

_____
Professora Doutora Silvana Boone
Universidade de Caxias do Sul - UCS

_____
Professora Dra. Mara Aparecida Magero Galvani
Universidade de Caxias do Sul - UCS

_____
Professora Glaucis de Morais Almeida
Universidade de Caxias do Sul - UCS

CAXIAS DO SUL - RS
2018

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a minha mãe por todo apoio e suporte à profissão por mim escolhida e por não medir esforços para me ajudar nesse projeto.

Segundamente gostaria de agradecer aos meus amigos, que permaneceram ao meu lado durante todo processo evolutivo da pesquisa e produção, em especial Marina Rombaldi e Nilton Dondé.

Agradeço as profissionais Gabriela Demore pela gravação da vídeo performance e Aline Chaves pela montagem gráfica das identidades.

Agradeço também a todos que se disponibilizaram a participar do projeto e forneceram seus dados e fotografias 3x4. Sem a participação desses o trabalho não seria possível a realização.

Às minhas professoras, em especial Silvana Boone, por me orientar nesse trabalho, e Mara Galvani e Glaucis de Morais por aceitarem participar da banca.

A individualidade deve existir, pois ela é o alicerce da identidade da personalidade.(...) Não há duas pessoas iguais no universo. Mas o individualismo é prejudicial.

Augusto Cury, 2003

RESUMO

O trabalho “(Im)pessoalidade numérica: Registro na pele” consiste na criação de uma nova e única numeração para cada indivíduo. É uma reação a forma de identificação estipulada atualmente no Brasil, onde somos muitos e diferentes números. Para fundamentar essas ideias a artista utilizou conceitos de *BodyArt*, Performance e Instalação. A proposta é criar um único número para identificar cada cidadão, adequando-se assim à realidade numérica, mas valorizando a individualidade de cada um. O trabalho é composto por uma vídeo performance em que a artista tatuou em seu braço sua nova identificação numérica. Juntamente com o vídeo terá uma instalação de novas carteiras de identificação impressas em vidro e montadas em fila indiana. Quando vistas de frente as imagens e números misturam-se, representando o coletivo, entretanto, com o deslocamento do observador para as laterais, é possível visualizar cada pessoa com seu novo número de identificação, representando suas singularidades.

Palavras chaves:*Body Art*. Performance. Tatuagem. Identidade. Individualidade. Coletividade.

ABSTRACT

"(Im)pessoalidade numérica: Registro na pele" consists in a creation of as only and new numeration to each person parto of a society. This purpouse is reaction to the stipulated way of numeration that Brazil lie nowadays, where we are represented by a lot of different numbers. The artist substantiated this ideas using concepts of BodyArt, Performance and Artist Installation. Creating an only identification number is possible to value at the same time the individual and collective equally. This project consists of a video performance which the artist tatooed on her arm her new numerical identification. With the video will have a installation of a new identification cards printed in glass and mounted in vertical line. When viewed at the front the images and numbers mixed, representing the collective, however with the movement of the observer to the sides, it is possible to see each person and new identification number, representing their singulaties

Palavras chaves: *Body Art*. Performance. Tattoo. Identity. Individuality. Collective.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Obra da série "*Today*" do artista On Kawara.....16
Figura 2 – Obra"*OneMillionYears"* do artista On Kawara..... 16
Figura 3 – Obra da série "*Opalka 1965-∞"*do artista Roman Opalka.....17
Figura 4 – Série Atlas 1/3 de Rafael Assef da Silva.....24
Figura 5 – Registro Performance 1/4.....26
Figura 6 – Registro Performance 2/4.....27
Figura 7 – Registro Performance 3/4.....27
Figura 8 – Registro Performance 4/4.....28
Figura 9 – Carteira de Identidade da Sporophila Beltoni.....29
Figura 10 - Carteira de Identidade de Frank Giuseppe Campuzano Espinoza.....29
Figura 11 - Carteira de Identificação da autora.....31
Figura 12 – Novas Carteiras de Identificação 1/2.....33
Figura 13 – Novas Carteiras de Identificação 2/2.....34
Figura 14 – Montagem das novas identidades em vista frontal.....35
Figura 15 – Montagem das novas identidades visualizadas lateralmente.....36

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CPF	Cadastro de Pessoa Física
DRAG	Dressed as a girl
RG	Registro Geral
SUS	Sistema Único de Saúde
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....09

2 NUMERIZAÇÃO COMO FORMA DE IDENTIFICAÇÃO E SUAS ORIGENS HISTORICO-SOCIAIS.....13

2.1. A PRESENÇA DOS NÚMEROS NA ARTE.....15

3 IDENTIDADE PSÍQUICA, CORPORAL E NUMÉRICA.....19

3.1. CORPO COMO SUPORTE DE IDENTIFICAÇÃO NUMÉRICA.....22

4 REGISTRO NA PELE: PERFORMANCE E INSTALAÇÃO.....27

4.1. NOVAS CARTEIRAS DE IDENTIFICAÇÃO.....29

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS: SINTESE NUMÉRICA: EQUIVALÊNCIA DE IMPORTÂNCIA.....37

1. INTRODUÇÃO

Este Trabalho de Conclusão de Curso do Bacharelado em Artes Visuais tem como título “(Im)pessoalidade numérica: registro na pele”, originado nos questionamentos sobre a possibilidade de uma forma de identificação contemporânea longe da “numerização” exigida pela sociedade. O projeto busca se utilizar de conceitos da arte estudados e ampliados durante a graduação e, especificamente, visa analisar as relações sociais estabelecidas através dos números de identificação das pessoas em uma determinada sociedade. Refletindo sobre a possibilidade de uma singularidade individual na sociedade contemporânea, o TCC tem como tema a abordagem de números como mecanismos de categorização do homem nessa sociedade. Para a construção teórica do escopo da pesquisa serão utilizadas referências da *Body Art*, instalação e performance.

A *Body Art* enquanto movimento artístico criado na década de 1960 tem como principal característica a arte que se utiliza do corpo como suporte artístico, geralmente o corpo do próprio artista. A fusão entre arte e vida é um dos principais conceitos dessa manifestação artística que representa ao mesmo tempo uma reação à impessoalidade da Arte Conceitual e do Minimalismo, movimentos paralelos à *Body Art* na segunda metade do século XX, e um prolongamento desses movimentos, quanto ao que diz respeito ao pensamento. A *Body Art* assume como uma de suas representações a forma de performances, em sua maioria criada na intimidade, e depois comunicada ao público através de documentações ou, até mesmo, através de apresentações públicas. Para a fundamentação destes conceitos, são utilizados os referenciais teóricos de Beatriz Ferreira Pires, Lucia Santaella, Amy Dempsey, Claudia Cristina Costa, José Mario Peixoto Santos e Renato Cohen.

Um dos termos relacionados ao contexto da *Body Art* é a instalação, que tem como princípio a obra de arte ocupar e/ou envolver o espaço, tornando todo o entorno parte de uma mesma construção artística juntamente com o espectador, ou o deslocamento entre o espectador e a obra. Pode ultrapassar as possibilidades de uma visão simultânea da totalidade de seus elementos que não se restringem aos limites visuais e suas percepções. Muitas instalações envolvem a imersão do público em um ambiente ou material artístico de diferentes naturezas. Consiste no diálogo e na imprevisibilidade com o público, permitindo sua apreciação, interação ou até mesmo intervenção. Fundamentando esses conceitos, utiliza-se de referências propostas por Ana Maria Albani de Carvalho, Elaine Tedesco, Paul Wood, Flynt e Anne Cauquelin.

Analisando a existência do ser humano, desde a sua gestação encontram-se as primeiras “numerizações” da vida. Do nascimento à maturidade há um aumento significativo na necessidade da utilização de números. Todo o desenvolvimento da vida é registrado numericamente e colocado em forma de dados. Para ser considerado vivo e possuir algum direito social, o ser humano necessita de registros básicos exigidos pela constituição. Ao entrar em algum lugar, torna-se um número; ao visitar uma cidade, torna-se um número; quando vai a um restaurante ou à uma festa, recebe uma comanda ou mesa com números; quando faz *checkup* no médico, torna-se número. A vida é uma sequência numérica crescente que se estabiliza apenas com a morte e, ainda nesse momento é necessário o número da certidão de óbito.

Partindo do questionamento sobre a possibilidade de pensar na identidade do ser humano longe da “numerização” exigida pela sociedade e de que modo é possível ser único e deixar uma marca nessa sociedade, o projeto reflete sobre o processo evolutivo do homem. Desde a pré-história, das primeiras manifestações artísticas até a atualidade pode se perceber a necessidade do homem em sentir-se único e deixar uma marca no seu grupo social ou, em grande escala, na história. Através do avanço humano e seus processos evolutivos no decorrer dos anos, o interesse em questionar seu papel na sociedade aumentou. A produção artística do homem passou por diversas transformações, desde a representação da realidade até os questionamentos sobre ela. Com todas as mudanças históricas e sociais vividas ao longo do tempo, a arte foi se desenvolvendo e transformando seu foco, que em muitos momentos estava centrado na técnica, para deslocar-se para os pensamentos e conceitos, principalmente no universo da arte contemporânea.

Os primeiros *Homo sapiens*, mesmo sem o conhecimento dos números, já possuíam a necessidade de contar: contavam através de pedaços de ossos ou madeira e depois com as pedras. Com o processo evolutivo, também aumentou a necessidade da utilização de números, ampliando-se o raciocínio lógico com o cálculo. Atualmente, todos os âmbitos da vida estão cercados por números, independentemente da área ou atuação de alguém.

Para a convivência em sociedade, é necessária a utilização de números como uma forma de identificação em diferentes cenários sociais. Desde o nascimento à morte o homem transforma-se em estatística. Quanto maior o tempo de vida, maior a quantidade e necessidade de números: documentação, (identidade, CPF, carteira de trabalho, título eleitoral, passaporte, etc.), saúde, escola, saneamento básico, luz, telefone, segurança, alimentação.

A partir de uma pesquisa teórica sobre tais aspectos uma parte do Trabalho de

Conclusão de Curso consistirá em um vídeo performático, onde a autora utilizou o próprio corpo como suporte, seguindo os conceitos propostos pela *Body Art*, para tatuar uma síntese da sequência numérica de todos os números que a identificam até os seus vinte e dois anos, ou seja, até o momento presente. Juntamente com o vídeo estará uma instalação composta por novas carteiras de identidade de pessoas que se disponibilizaram a participar deste projeto. Cada uma destas será composta por uma foto na proporção 3x4 e uma nova configuração numérica sintetizada a partir dos seus números de identificação. A instalação, assim como a vídeoperformance, questionaram os números como forma de categorização e a possibilidade de uma única sequência numérica para toda a existência de um indivíduo. Sendo assim, desde o local de exposição, até a disposição de seus elementos serão propostas com base em uma reflexão sobre numerizações.

O segundo capítulo do trabalho "Numerização como forma de identificação e suas origens histórico sociais" traz uma fundamentação sobre o surgimento dos números através de suas necessidades de utilidades práticas. A primeira função dos números foi a contagem de membros de um grupo ou sociedade, relacionar bens ou perdas. Antes de tornar-se objeto para estatísticas, os números eram utilizados para contribuir com fantasias, especulações, literaturas e também, para representar hierarquia em mitologias ou religiões. A necessidade da utilização de números se amplificou com o passar dos anos, seja para as mesmas utilizações originarias, como para novas. Na contemporaneidade brasileira, somos representados por muitos e diferentes números. Isso permite as relações sociais através de agrupamentos, mas promove esquecimento da individualidade. Para tornar possível a valorizaçãodo indivíduo e colaboração para com a sociedade e suas estatísticas, é necessário permanecer na adequação numérica, mas através de um único de identificação.

O terceiro capítulo "Identidade psíquica, corporal e numérica" contribui para o trabalho com referências das primeiras ideias de singularidade desenvolvidas por cada ser através de comparações com a mãe ou através de sua própria observação em um espelho.A imagem do corpo, entretanto, depende de muitos fatores, inclusive e, principalmente, a convivência com os demais indivíduos que, para esta, reforça-se a adaptação aos muitos números referentes a documentos exigidos. A relação com os demais também é possível ser comparada com as metáforas, o ser humano busca referencias e características identificação em seus semelhantes.Para a relação arte e corpo, esse capítulo traz referências de *Body Art* e, principalmente, uma de suas possíveis manifestações: a tatuagem.

O quarto capítulo deste trabalho procura, relacionando as reflexões sobre a vontade do ser humano em deixar sua marca e sentir-se único, em oposição à grande quantidade de números exigidos constitucionalmente, seguir a proposta inicial desse projeto: umnovo e único número de identificação para cada cidadão, tornando assim possível a valorização coletiva e individual. Para representar essa relação, a artista realizou uma performance, exibida no dia da abertura da Exposição dos Trabalhos de Conclusão de Curso como vídeo performance, e novas carteiras de identificação impressas em vidro.

Com base nesses estudos, teorias e conceitos, a artista propõe uma reflexão sobre a abordagem dos números como meio de categorização do homem na sociedade contemporânea. Será abordada também a origem da necessidade da utilização de números e a conexão entre identidade corporal, psíquica e identidade numérica.

2. NUMERIZAÇÃO COMO FORMA DE IDENTIFICAÇÃO E SUA ORIGENS HISTORICO-SOCIAIS.

Este Trabalho de Conclusão de Curso estuda as relações sociais estabelecidas através dos números de identificação das pessoas em uma determinada sociedade. Para fundamentar a utilização dos números na contemporaneidade, traz a sua origem e recorrente necessidade com o passar dos anos. Através de associações dessa cronologia, traz a associação dos números e identidade, sendo assim, identidade no sentido numérico.

A história dos números, conforme o autor francês e historiador de matemática, Georges Ifrah (2005), está diretamente ligada às necessidades e preocupações coletivas sociais, que buscavam relacionar seus membros, bens e perdas. Entretanto, antes de sua evolução permitir que fossem fatores primordiais de uma sociedade estatística, os algarismos, foram base de sonho, fantasia, especulações metafísicas e objetos de literatura. Por exemplo, os magos da Babilônia atribuíam um número a cada um de seus deuses, segundo uma ordem decrescente que traduzia uma hierarquia, por exemplo, o número 60 era associado a Anu, deus do céu; o número 50 a Enlil, deus da terra e o número 40 a Ea, deus das águas.

Para as primeiras enumerações de seres e objetos utilizava-se conchas, pérolas, frutos duros, ossos, pauzinhos, dentes de elefantes, cocos, argilas, cacau, e até excrementos secos, agrupando em montinhos ou fileiras. Para pequenas quantidades utilizavam os dedos das mãos ou diferentes partes do corpo para contar. Segundo Ifrah(2005), o corpo humano foi o fator essencial como mecanismo pioneiro para a origem das numerações. Inicialmente, contava-se através dos dedos das mãos. Após, especialmente a população indígena, contava através das partes do corpo, os dedos da mão direita (do menor para o maior), e assim sucessivamente:pulso, cotovelo, ombro, orelha, olho, nariz, e o processo se repetia inversamente no lado esquerdo.

De acordo com Ifrah (2005), *Os números: a história de uma grande invenção*, ainda hoje existem hordas primitivas que desconhecem a evolução numérica. Para estes povos – pigmeus na África, aranda e kamilarai na Austrália, aborígines nas Ilhas Murray, botocudos no Brasil - imaginar o número 5 é tão ou mais difícil que conseguirmos representar, física ou imagineticamente, a casa dos bilhões.

A utilização dos números se tornou cada vez mais importante, e uma das causas, percebe-se, é a de corresponder a preocupações de ordens práticas e utilitárias. Para aqueles que possuíam e guardavam rebanhos de carneiros ou cabras logo surgiu a preocupação de

certificar-se que ao voltar do pasto, todos seus carneiros haviam entrado no curral. Logo depois, os comerciantes utilizavam traços para marcar a quantidade de mercadorias. O mesmo acontecia, e ainda acontece, com presidiários, que marcam seu tempo de permanência nas cadeias através de traços representando os dias.

Refletindo sobre a história do homem com números, percebemos que desde o inicio de sua existência possui a necessidade de contabilizar o que o cercava. Na contemporaneidade, a utilidade dos números vem aumentando, inclusive e principalmente no seu papel inicial, a contagem de membros de um grupo ou sociedade. Entretanto, atualmente, no Brasil existe uma grande quantidade de documentos de identificação para cada cidadão, e apenas com estes é possível ter uma vida em e para com a sociedade. Para poder exercer o papel de cidadão é necessário se adequar às normas constitucionais, sendo assim, possuir todos os documentos exigidos, com seus respectivos números. A situação numérica, entretanto, mesmo que proporcione benefícios estatísticos para o coletivo, por serem muitos e diferentes números, dificultam a individualidade de cada ser. O indivíduo acaba resumindo-se em muitos números diferentes que não representam a sua singularidade e vontade de representatividade que o ser humano demonstra interessar-se desde o início de sua existência. Para Carlos João Correia(s/ data)[1], em tradução comentada de "*LìdentitéNarrative*" de Paul Ricoeur:

> Em primeiro lugar, a identidade em sentido numérico; assim, dizemos que duas ocorrências de uma coisa designada por um nome invariável não constituem duas coisas diferentes, mas uma só e mesma coisa[10]; a identidade, aqui, significa unicidade; o seu contrário é a pluralidade: não uma, mas duas ou várias; este primeiro sentido do termo corresponde à identificação compreendida como reidentificação do mesmo. (CORREIA, s/ data, p. 2).[2]

Segundo autor, quando um mesmo nome realiza dois acontecimentos distintos, estes constituem uma e mesma coisa. Relacionando o pensamento de Correia com este projeto percebemos que, se seguíssemos a proposta de um único numero de identificação, qualquer tipo de ação realizada por uma pessoa representada por uma única numeração, corresponderia única e exclusivamente a este sujeito, permitindo a valorização sua individual sem a

[1]Disponível em: http://www.porta33.com/eventos/content_eventos/Identidade(s)/_pdf/Paul_Ricoeur_A%20IDENTIDADE_NARRATIVA.pdf. Acesso em: 28 de Nov. de 2018.

[2]"[10] Num exemplo simples, se pintar a mesma folha de papel de azul e depois de branco tal facto não anula a identidade da mesma folha, pois é *uma* e a *mesma* folha com dois atributos diferenciados no tempo. (Nota do tradutor)"(CORREIA, s/ data, p.9)

necessidade de desadequação à realidade numérica que estamos inseridos. Na mesma tradução comentada surgem dois diferentes tipos de identidade: identidade “mesmidade” que correspondente a palavra “mesmo” originada do latim *idem*, identidade alcançada a partir da existência perante o tempo, relacionando assim a identidade coletiva, permitida através da contabilização de dados; identidade “ipseidade”, do latim haecceitas. atis., aquilo que difere um ser dos demais, um atributo único ou característico do ser, relacionado assim com identidade individual. Para o autor “Enquanto o *idem* traduz a neutralização impessoal de uma existência (o indivíduo não como uma pessoa, mas como uma entidade neutra), o *ipse* manifesta a presença a si próprio de uma pessoa”. (CORREIA, s/ data).

A solução para este problema então, seria um único número de identificação para cada indivíduo. Cada ação realizada por este sujeito corresponderia a um único número, seu número de identificação. Esta proposta permite a valorização do indivíduo e, ao mesmo tempo, a adequação numérica necessária para a contemporaneidade. Possibilita, desta forma, uma possível equivalência de importância entre identidade coletiva, ou identidade “mesmidade”, e identidade individual, ou identidade “ipseidade”.

2.1. A PRESENÇA DOS NÚMEROS NA ARTE

A presença dos números na produção artística é bem frequente. Muitos artistas já questionaram as funções atribuídas aos números, como sua utilização para datar acontecimentos e a ordem consecutiva que seguem.

O artista japonês On Kawara, por exemplo, pintava a data dos dias que ele viveu, e se não terminasse até meia noite, destruía a obra. Coletivamente essas pinturas são chamadas de “Today“(Figura 1). As mais de 3000 obras tinham tamanhos variados e eram acompanhadas por um recorte de jornal do mesmo dia. O artista também produziu o *One Million Years*(Figura 2), consiste em vários volumes que listam as datas de 998.031 a.C. até 1001992 d.C.. Ele dedicou essa produção a “todos que viveram e morreram” e ao “último”. Trabalhou toda sua vida com números, datas e, especialmente nessa dedicatória sobre a produção que diz respeito ao passado, presente e futuro, o artista mostra preocupação em valorizar todos os anos, todos que por eles passaram e todos que por eles passarão. O trabalho *(Im)pessoalidade Numérica: Registro na Pele* tem o mesmo objetivo, valorizar cada pessoa, sua individualidade e singularidade, tornando isso possível através de um único número que a represente perante a sociedade.

Figura 1 - Obra da série "*Today*" do artista OnKawara.

Fonte: Site revista Usina[3]

Figura 2 - Obra "*OneMillionYears"* do artista OnKawara.

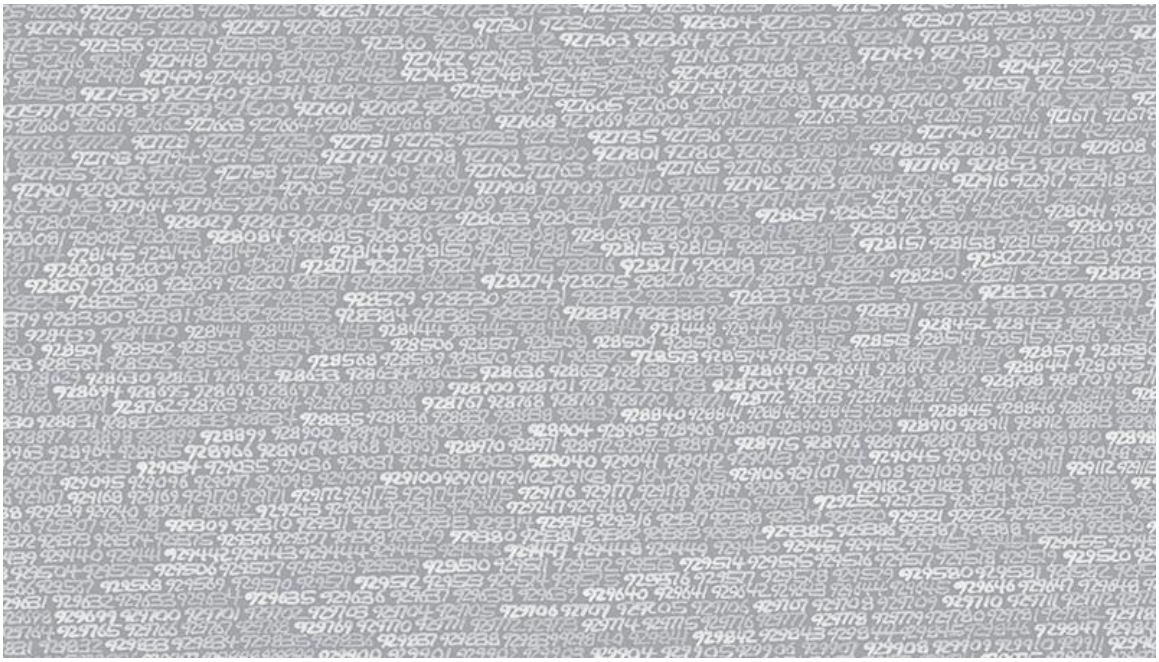
Fonte:Art Basel[4]

[3] Disponível em: https://revistausina.com/2015/05/15/on-kawara-is-dead/. Acesso em: 16 de Nov. de 2018.

[4] Disponível em: https://www.artbasel.com/catalog/artwork/67573/On-Kawara-One-Million-Years. Acesso em: 16 de Nov. de 2018

Roman Opalka, artista polonês, desenvolveu uma série de pinturas que conceitualmente seriam “contagem regressiva”, intituladas de *Opalka 1965-∞* (Figura 3). Essa série, iniciada em 1965, é composta por números consecutivos. Cada tela seguinte era uma continuação da seqüência numérica da tela anterior. O artista começou pintando com tinta branca em fundo preto e depois passou para o fundo cinza. Quatro anos depois, em 1972, após atingir a marca de um milhão, Opalka passou a adicionar pequena quantidade de tinta branca ao fundo de cada obra. Neste mesmo ano começou a registrar em um gravador os números que pintava e fotograficamente seu rosto em frente a cada tela. Em 2008 o artista havia pintado tantas telas que estava pintando números brancos em um fundo branco. William Grimes (2011), para o *The New York Times*, referencia uma citação de Opalka: "Todo o meu trabalho é uma coisa única, a descrição de um ao infinito" e “Estamos ao mesmo tempo vivos e diante da morte – esse é o mistério de todos os seres vivos.”.

Figura 3 - Obra da série “*Opalka 1965-∞”* do artista Roman Opalka.



Fonte: site Christie’s[5]

O artista polonês, nascido na França, dedicou-se grande parte da vida pintando essa contagem consecutiva e pensando na infinidade dos números. Refletindo sobre a infinidade de números e pessoas que já existiram e, muitas vezes, não são lembradas, nem reconhecidas em suas existências ou após, o trabalho de Opalka, quando associado ao “(Im)pessoalidade

[5]Disponível em: https://www.christies.com/features/Opalka-5583-1.aspx. Acesso em: 16 de Nov. de 2018

numérica: Registro na pele” serve como uma reflexão sobre os dados contabilizados e estatísticas. O artista, nessa série valorizou cada número e agrupou estes em um mesmo fundo. Pensando em também valorizar cada número, neste caso representante de cada indivíduo, esse TCC a propõe uma nova e única numerização. Adequando-se a realidade numérica, mas valorizando a singularidade de cada ser e compreendendo que cada ação praticada por um ser fará referência a um único número. Ações diferentes realizadas pela mesma pessoa dizem respeito única e exclusivamente a um número, seu novo número de identificação.

3. IDENTIDADE PSÍQUICA, CORPORAL E NUMÉRICA

Analisando o tema deste projeto e a sua relação com a identidade, tanto numérica quanto psíquica, é importante trazer alguns conceitos referentes à psicologia. O projeto traz questões sobre o desejo humano de marcar o mundo onde vive. Este desejo só existe por que o ser humano sempre apresentou uma noção de identidade e unicidade, uma diferenciação entre o eu e o outro. Distinção essa, que se torna viva e presente poucos meses depois do nascimento, quando o bebê começa a perceber-se como um ser único por se comparar com a mãe e perceber algumas semelhanças e ideias de discernimento.

Em conceitos trazidos pela psicologia, a subjetividade desenvolvida por cada indivíduo é o que floresce suas particularidades, sendo essas sinônimo daquilo que é único do sujeito. Para a psicanálise, segundo Carla Guanaes e Marisa Japur (2003), *Estádio do Espelho*, iniciado nos seis primeiros meses de vida e terminado perto dos dezoito meses, o sujeito já começa a desenvolver a percepção de sua singularidade através da comparação com o outro. Apesar de essa fase, segundo Jaques Lacan (1966), ser formadora da função do eu, Roza Garcia comenta que não se deve associar a total constituição do sujeito a esse período, apenas sua primeira percepção de singularidade. A autora cita:

> Apesar do nome, o estágio do espelho não se refere necessariamente à experiência concreta da criança frente a um espelho. O que ela assinala é um tipo de relação da criança com seu semelhante através da qual ela constitui uma demarcação da totalidade do seu corpo. Essa experiência pode-se dar tanto em face de um espelho como em face de uma outra pessoa. O que o infans tem devolvido pelo espelho, pela mãe ou pelo outro é uma Gestalt cuja função primeira é ser estruturante do sujeito, mas ainda a nível do Imaginário. (ROZA-GARCIA, 2009, p. 212-213)

A partir desta fase, o sujeito começa a desenvolver pensamentos que introduzem a formação de uma identidade e, posteriormente, a possibilidade de questioná-la. Esse primeiro estágio, *Estádio do Espelho*, é uma introdução para a formação e desenvolvimento de comparações gramaticais e metáforas. Helena Amstalden Imanishi, em um artigo sobre o estádio do espelho e a sua relação com a metáforareflete sobre o papel cognitivo desta figura de linguagem:

> Leary (1990, p. 2) ainda desenvolve sua tese sobre a idéia de que "*todo conhecimento está, em última análise, enraizado em modos metafóricos (ou*

> *analógicos) de percepção e pensamento*." Ele enfatiza a satisfação subjetiva do ser humano, quando este encontra similaridades em qualquer aspecto interessante de sua experiência, seja quando este aspecto o atinge pela primeira vez, seja de um novo jeito. Esta similaridade buscada e encontrada é explicitamente ou implicitamente metafórica em sua natureza e função. É próprio do ser humano procurar por analogia nas coisas, nas qualidades e eventos que deseja compreender.(IMANISHI, 2008, p.3).

Desta forma, mesmo que apresente, desde sua origem, vontade de diferenciação, o ser humano procura em certos aspectos identificar-se com seus semelhantes. A proposta deste trabalho, uma nova e única numerização, entretanto, permite essas duas aspirações humanas de comparação: semelhança e diferença. Proporciona a possibilidade de comparação coletiva e individual através deuma junção de pessoas e números distintos, e ao mesmo tempo a ideia de *mesmidade* e *ipseidade*, citada no capítulo anterior.

Referenciando o corpo, segundo Donald W. Winnicott(1993)[6], para o desenvolvimento do *self*, anseio humano de unidade, são necessários três processos, sendo eles: 1) a percepção do *self* como algo integrado, percepção entre o eu e o não eu; 2) desenvolvimento dos sentimentos internos; 3) desenvolvimento do conceito de tempo e espaço. Entretanto, antes mesmo de um ser desenvolver a capacidade de percepção da sua singularidade ou sua personalidade e identidade, já é registrado numericamente para que haja uma distinção ou registro/catalogação perante a sociedade.

Levando em consideração o primeiro processo de desenvolvimento do *self* e a proposta desse projeto, percebemos que existe uma importância de diferenciação e identificação dos indivíduos de uma sociedade. A relação entre o segundo e terceiro processos e a questão dos números como forma de identificação, é que quando desenvolvidos os sentimentos internos e a noção de tempo e espaço, torna-se possível perceber a relação de efemeridade com o mundo quando nos adequamos ao atual sistema numérico, somos apenas números, muitos e diferentes números.

A partir de autores como Fischer (1990), Hart (2003), Schilder (1999) e Tavares (2003), compreende-se que a imagem corporal é o conjunto de percepções de um indivíduo sobre si mesmo e sobre a relação que ele mantém com os demais. Para manter essa relação com o coletivo e até mesmo consigo e para ser reconhecido como cidadão, é necessária uma vida ativa nas decisões e ações da sociedade, ou seja, participação política, econômica, social, psíquica, cultural e ética. Estas atuações para com a sociedade, entretanto, dependem de

[6] Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/ptp/v19n2/a05v19n2. Acesso em: 28 de Nov. de 2018.

registros, numerações necessárias impostas pela legislação. Winnicott (1971)[7] comenta sobre o significado de self e suas origens, sua relação interna-externa, a importância do indivíduo e como este é formado através de convivências coletivas:

> (...) o self, que não é ego, é a pessoa que eu sou, que é somente eu, que possui uma totalidade baseada na operação do processo maturativo. Ao mesmo tempo, o self tem partes e é, na verdade, constituído destas partes. Tais partes se aglutinam, num sentido interior-exterior no curso da operação do processo maturativo, auxiliado, como deve sê-lo (principalmente no início) pelo ambiente humano que o contém, que cuida dele e que de certa forma ativa facilita-o(...). (WINNICOTT, apud KHAN, 1993, p. 45)

Relacionando o desenvolvimento e amadurecimento do self, influenciado por convivências e pelo ambiente onde um indivíduo está inserido, Dolto(1984, p.15)[8] comenta sobre a ligação entre a imagem do corpo com as experiências individuais, experiências que também foram fator principal formação do self: "a imagem do corpo é a síntese viva de nossas experiências emocionais (…) é a memória inconsciente de todo o vivido relacional e, ao mesmo tempo, ela é atual, viva, em situação dinâmica, simultaneamente narcísica e inter-relacional". A imagem do corpo depende de muitos fatores, inclusive e, principalmente, a convivência com os demais indivíduos que, para esta, reforça-se a adaptação aos muitos números referentes a documentos exigidos. Para, apenas depois destes, tornar possível o desenvolvimento e amadurecimento de uma identidade psíquica, *self* e, posteriormente, uma identidade corporal, percebendo o eu e o não-eu, a diferenciação e associação com os demais, e o reconhecimento da singularidade/unicidade.

Atualmente, tornamo-nos tantos números que na verdade não somos nada além deles, nada além de estatísticas e adequações numéricas. Para cada estatística somos um número diferente e, dentro dela, fazemos parte de uma porcentagem, que nos agrupa por alguma razão. No artigo Mídias e a Imagem Corporal na Adolescência: O corpo em discussão citado o autor Osório (1989)[9]. Ele manifesta que identidade nada mais é que a percepção de um indivíduo sobre sua unidade pessoal e distinta dos demais, permitindo reconhecer suas evoluções e relacionando ao plano social resultante de todas as identificações prévias. O trabalho questiona como perceber esta unidade pessoal decorrente da relação com os demais, quando se é representado por vários e distintos números. A atual forma de identificação

[7] Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/ptp/v19n2/a05v19n2?fbclid=IwAR3oEno_y_p3BMlC74WbFKXxVuRHugHmKvRixOaC46OfDslOgwfF5NieTG0. Acesso em: 28 de Nov. de 2018.

[8] Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/pe/v16n1/a09v16n1.pdf. Acesso em: 28 de Nov. de 2018.

[9] Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/pe/v16n1/a09v16n1.pdf. Acesso em 28 de Nov. de 2018.

deveria representar cada indivíduo como único e, lado a lado, sua participação para com o coletivo, mas na verdade representa apenas o que diz respeito às associações e agrupamentos. Representam nada além de constatações que importam à sociedade como coletivo e não como representatividade de cada indivíduo.

3.1. CORPO COMO SUPORTE DE IDENTIFICAÇÃO NUMÉRICA

Este Trabalho de Conclusão de Curso utiliza-se de conceitos de *Body Art* e Performance para tornar possível ligações entre identidade numérica, corporal e psíquica. A *Body Art* é a arte que utiliza o corpo como próprio suporte artístico, geralmente o corpo do próprio artista. A fusão entre arte e vida é um dos principais conceitos dessa manifestação artística que ocorreu na segunda metade do século XX e representa, paralelamente, uma reação à impessoalidade da Arte Conceitual e Minimalismo, e um prolongamento destes movimentos, quanto ao que diz respeito pensamento e conceito. As manifestações da *Body Art* são geralmente realizadas através de performances, em suas maiorias criadas na intimidade e, posteriormente, apresentadas ao público através de documentações ou, até mesmo, apresentações públicas. Lucia Santaella (2003) cita:

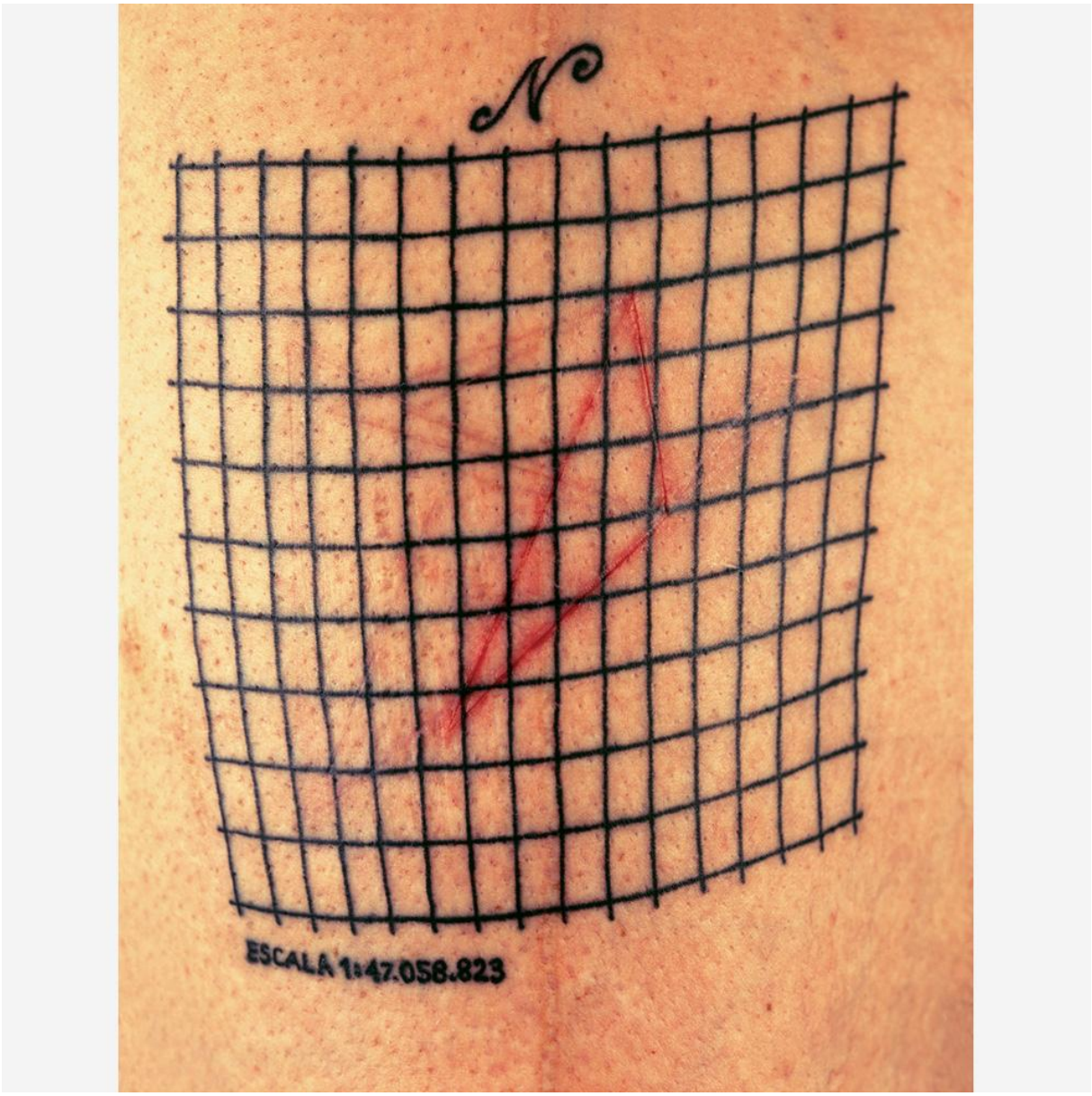
> A bodyart é primariamente pessoal e privada. Seu conteúdo é autobiográfico e o corpo é usado como o corpo próprio de uma pessoa particular e não como uma entidade abstrata desempenhando um papel. O conteúdo dessas obras coincide com o ser físico do artista que é, ao mesmo tempo, sujeito e meio da expressão estética. Os artistas eles mesmo são objetos de arte. Mesmo nos trabalhos criados para existir apenas na forma de documentação fotográfica ou videográfica, o poder da fisicalidade e a diretividade psicológica do gesto transcendem sua representação imagética. (SANTAELLA, apud SANTOS, 2008, p.6).

Uma das formas de representação e manifestação da *Body Art* e performance é a tatuagem. Desde suas primeiras manifestações, as tatuagens possuem caráter de identidade cultural e pessoal. Acredita-se que o ato de marcar o corpo existe desde a época das cavernas, conforme Krischeke Leitão(2002)estas marcações representavam acontecimentos como nascimento, ritos de passagem, rituais religiosos, etc. Segundo Michael Bird(2012), as manifestações corporais, neste caso marcas ou tatuagens, existem desde os tempos do Egito Antigo e eram realizadas através de perfurações com ossos afiados e nelas depositadas tintas à base de vegetais. Normalmente, neste período, representavam uma identidade de uma pessoa membro de determinada sociedade. Foram descobertos, no século V a.C., resquícios de tatuagens em corpos congelados nas fronteiras da Rússia, Mongolia e Cazaquistão.

> Com o tempo seu significado foi se modificando, acompanhando as evoluções da sociedade. Já na Idade Média, a tatuagem era considerada um misto de bandeira, atestado de nascimento, carteira de identidade, certificado de alistamento militar, medalha de honra ao mérito, vestimenta, aliança de casamento, joia, amuleto, superstição, remédio, sinal de luto ou biografia. (MARQUES, apud GUSSO, 2016, p. 2).

Marques cita alguns dos muitos significados de tatuagem desde o século V a.C. Dentre eles: carteira de identidade, atestado de nascimento, alistamento militar e casamento, para estes, entretanto, é necessário, atualmente, diferentes números representantes. No Japão, a partir do século XVII, a técnica da tatuagem foi aprimorada, as perfurações passaram a ser feitas com agulhas agrupadas e fixadas em hastes de bambu, técnica nomeada de "Tebori" atualmente. No que diz respeito às representações, tornaram-se cada vez mais ligadas às culturas de massa orientais, como os folclores aqui presentes. Atualmente, as agulhas permanecem fixadas agrupadas, é a quantidade de agulhas que define a espessura do traço ou abrangência de espaço para sombrear, todavia essa fixação é feita em hastes de metal que adquirem maior precisão quando incorporadas em biqueiras e maquinas. Desde os anos 1960, o corpo é explorado por artistas para manifestar ideias, principalmente, segundo Michael Bird(2012), em resposta a manipulação dos corpos feita pela mídia.Rafael Assef da Silva é um exemplo de arte representada através do corpo. O artista brasileiro fotografou muitas de suas performances de tatuagens e escarificações e expôs, na série "Atlas" (Figura 4).

Figura 4 - Série Atlas 1/3 de Rafael Assef da Silva.



Fonte: site Bolsa de Arte[10]

Na *Body Art* o corpo do artista é a ferramenta para expor conceito. Quando representada através de performance, seja em vídeo, apresentações públicas, ou ambos conta com o fator tempo e sua efemeridade. Quando presencial, agrega a possibilidade da aproximação do publico com o corpo do artista como suporte e representante de conceito, permitindo assim as diversas interpretações do observador. A performance proposta por esse trabalho foi realizada dia 29 de outubro de 2018 às 19horas e registrada através de um vídeo mostrado durante a

[10] Disponível em: http://www.bolsadearte.com/obras/detalhes/id/2395?redirecionar=aHR0cDovL3d3dy5ib2xzYWRlYXJ0ZS5jb20vYXJ0aXN0YXMvY290YWNvZXMvYXJ0aXN0YS82Nzkv&nav=MzgyNywyMzk1. Acesso em: 19 de Nov. de 2018.

exposição dos Trabalhos de Conclusão de Curso. A ação é realizada apenas uma vez, sendo assim, torna-se efêmera neste quesito. A vídeo performance, registro desta ação,torna possível a preservação desse ato. Da mesma forma o resultado, a tatuagem, que permanecerá na pele da artista enquanto viva. A proposta desta ação é a representação da singularidade e coletividade social, que se dá por conta de cada pessoa possuir um número único, mas todas continuarem colaborando com as estatísticas. Maria Beatriz de Medeiros (2005), levando em consideração as condições que tornam uma performance efêmera e, ao mesmo tempo, permanente através dos registros:

> Artista, obra, público são elementos estéticos da performance. O quarto elemento estético é o tempo. A performance artística se dá no tempo, sua efemeridade é condição. Os registros permanecerão registros, e, por permanecerem, estarão semi-mortos, ainda que capazes de leves ressonâncias. Os registros são apenas obscuro reflexo, eco ensurdecido de um prazer para sempre estancado. (DE MEDEIROS, Maria Beatriz, apud SANTOS, 2008, p.4).

Armando F. Pinho e João Manuel de Oliveira (2013, p.2) citam que Jill Dolaidn explica "a reformulação feita pelas performers e acadêmicas das «maneiras estabelecidas de estudo e apresentação do trabalho criativo» tem permito «desafiar continuamente a maneira pela qual fomos ensinadas a olhar para nós próprias e para os outros»1 (Dolan, 1983: 3)".Através desta percepção, então, o questionamento sobre o eu, o outro, a relação e diferença entre estes e as exigências para que existam essas percepções. A proposta de representar cada indivíduo e toda a sociedade com seus conseqüentes dados reflete sobre o olhar para o outro e para si mesmo, sem priorizar nenhum, proporcionando equivalência de importância. Equivaler essas importâncias auxilia em uma melhor vivência em sociedade. Um dos primeiros passos para o autoconhecimento e o interesse por conhecer o outro.

José Mario Peixoto Santos(2008) referencia uma ideia do artista Jack Bowman que, em um flyer, define que o registro não é verdade, apenas a ação. Assim como os registros para o ser humano tornar-se cidadão, proporcionam-no certa insignificância perante o tempo. Voltando então a ideia proposta por Paul Ricoeur, na tradução de "LìdentitéNarrative" comentada por Carlos João Correia, relacionada a esse trabalho, quando uma pessoa, representada por um número pratica uma ação de qualquer natureza, essa ação diz respeito a esse sujeito com essa numeração. Qualquer ação realizada por um sujeito faz referência ao seu único numero de identificação.

4. REGISTRO NA PELE: PERFORMANCE E INSTALAÇÃO

O trabalho (*Im)pessoalidade numérica: Registro na pele*, através de reflexões sobre a vontade do ser humano em deixar sua marca e sentir-se único, em oposição à grande quantidade de números exigidos constitucionalmente, propõe um novo e único número de identificação para cada cidadão. Torna possível, assim, valorizar o coletivo, seus interesses, e também, o individual. Qualquer ação realizada por um indivíduo diz respeito ao seu número de identificação, seu representante, representante do único sujeito dessas ações.

Como meio de tornar essa proposta possível, a artista apresenta uma performance e uma instalação. No ato performático (Figuras 5 a 8), a artista tatuou em seu próprio corpo uma síntese de todos os números que a representam até o atual momento, sendo assim uma ação efêmera e, em paralelo, permanente através de um vídeo e do registro na pele.

A permanência de cada ser humano é passageira perante a existência da espécie. Os muitos números de identificação colaboram para que sejamos cada vez mais substituíveis e esquecíveis. A síntese propõe uma numeração que possa ser utilizada em todos os documentos necessários para uma vida em sociedade, que seja coerente com as ideias de ipseidade e mesmidade.

Figura 5 - Registro Performance 1/4.

Fonte: Créditos registro vídeo performance: Gabriela Demore.

Figura 6 -Registro Performance 2/4.

Fonte: Créditos registro vídeo performance: Gabriela Demore.

Figura 7 -Registro Performance 3/4.

Fonte: Créditos registro vídeo performance: Gabriela Demore.

Figura 8 - Registro Performance 4/4.

Fonte: Créditos registro vídeo performance: Gabriela Demore.

O ato performático teve duração de trinta e um minutos e foi realizado na galeria do Centro de Artes e Arquitetura. O vídeo de registro da performance foi feito pela profissional Gabriela Demore. A ação foi aberta a todos e teve público observador de aproximadamente dezoito pessoas.

.

4.1. NOVAS CARTEIRAS DE IDENTIFICAÇÃO

A criação de novas carteiras de identificação já foi utilizada com diferentes propostas inúmeras vezes na história da arte. Em 2018, segundo site do Instituto Ling, o artista catarinense radicado em São Paulo, Walmor Correa, em uma pesquisa no Museu de História Natural de Washington, encontrou esquecida no fundo de uma gaveta uma espécie de pássaro empalhada em 1820 no Brasil, a Sporophilla brasileira. Pensando no reconhecimento dessa espécie, o artista solicitou certidão de nascimento, carteira de identidade (Figura 9) e passaporte para o pássaro. Assim como Correa procurou o reconhecimento de uma espécie esquecida, o trabalho propõe o reconhecimento e valorização da individualidade humana que foi esquecida em muitos registros numéricos.

Figura 9 - Carteira de Identidade da SporophilaBeltoni.

Fonte: Mundo Cult.[11]

Já Giuseppe Campuzano, filosofo e *Drag Queen* peruano, criou em 2009 o *Museo Travesti Del Peru*. Neste projeto, Campuzano trouxe a história do Peru através de uma figura "travesti andrógino indígena/mestiço" segundo site da 31ª Bienal, segundo o artista. Criou para esta figura uma nova carteira de identidade(Figura 10), seguindo a proposta de revisão crítica da história peruana. Relacionando o projeto do artista com o *(Im)pessoalidade Numérica: Registro na Pele* é possível perceber em ambos a crítica à forma como é contada a história e como algumas pessoas são desvalorizadas e não representadas de forma significante.

Figura 10 -Carteira de identidade de Frank Giuseppe Campuzano Espinoza

Fonte: site 31ª Bienal.[12]

[11] Disponível em: http://mundocult.com.br/noticias/ver/205/instituto-ling-apresenta-exposicao-de-walmor-correa-e-sporophila-beltoni. Acesso em 12 de Nov. 2018.

[12]Disponível em: http://www.31bienal.org.br/pt/post/1543. Acesso em 12 nov. 2018.

A proposta do trabalho se justifica através de uma nova numerização sintetizada que é formada através de um somatório de vários números. Cada documento possui um número que será transformado em um único algarismo. Juntando os algarismos resultantes da síntese de cada documento, juntamente com o somatório desses algarismos, surge a nova numerização. Propondo, desta forma, a possibilidade de uma maior valorização do indivíduo, sem deixar de manter a adequação à realidade numérica e participação para com a sociedade, suas estatísticas e dados. Quando se busca estabelecer uma relação entre arte, vida e identidade é possível utilizar de conceitos propostos por Amy Dempsey(2003, p.246) no capítulo sobre *BodyArt*: “o corpo proporciona meios para explorar várias questões, incluindo identidade (...)”.

Para a produção das novas carteiras de identificação foi postado no *Instagram* a proposta do projeto e uma lista de documentos que seriam necessários para criação das novas carteiras de identificação: CPF, RG, Título Eleitoral, Carteira de Estudante, Cadastro Faculdade, Passaporte, Carteira de Motorista, Carteira de Trabalho e Carteira do SUS ou Plano de Saúde. Os participantes, entretanto, ficaram livres para fornecer os números que quisessem. Sendo assim, a nova numerização é composta por algarismos surgidos da somatória dos números de identificação disponibilizados por cada um dos indivíduos participantes desta proposta. Exemplificando o processo, a Figura 11 apresenta a nova carteira de identificação da autora.

Figura 11 - Carteira de identificação da autora.

Fonte: Montagem Aline Chaves.

CPF: 01599805006

0+1+5+9+9+8+0+5+0+0+6= 43

4+3= 7

RG: 4105331311

4+1+0+5+3+3+1+3+1+1= 22

2+2= 4

Título Eleitoral: 110439950434

1+1+0+4+3+9+9+5+0+4+3+4= 43

4+3= 7

Carteira Nacional de Estudante: 3J0-R50

3+5= 8

Cadastro UCS: 460485-70

4+6+0+4+8+5+7+0= 34

3+4= 7

Passaporte Brasileiro: CZ 443519

4+4+3+5+1+9= 26

2+6= 8

Passaporte Italiano: YB 0901277

0+9+0+1+2+7+7= 26

2+6= 8

Carteira de Trabalho:3553142

3+5+5+3+1+4+2= 23

2+3= 5

Plano de Saúde: 00410010000008032

0+0+4+1+0+0+1+0+0+0+0+0+0+8+0+3+2= 19

1+9= 10

1+0= 1

Algarismos resultantes:

747878851

Somatório dos algarismos resultantes:

7+4+7+8+7+8+8+5+1= 55

5+5= 10

1+0= 1

O processo representado repetiu-se em todas as trinta novas identidades, formando os números de identificação de cada um dos participantes (Figuras 12 e 13).

Figura 12 - Novas carteiras de identificação 1/2.

Fonte: Edição e montagem Aline Chaves.

Figura 13 - Novas Carteiras de Identificação 2/2.

Fonte: Edição e montagem feitas por Aline Chaves.

Como parte da produção, foi realizada uma instalação composta por esses novos documentos de identificação. As instalações têm como princípio a obra de arte ocupar e/ou

envolver o espaço, tornando todo o entorno parte de uma mesma construção artística juntamente com o espectador, ou o deslocamento entre o espectador e a obra. Pode ultrapassar as possibilidades de uma visão simultânea da totalidade de seus elementos que não se restringem aos limites visuais e suas percepções. Consiste no diálogo e na imprevisibilidade com o público, permitindo sua apreciação, interação ou até mesmo intervenção.

A proposta apresenta-se através da impressão de cada carteira de identificação em vidro. A carteira tem 10x15cm de dimensão, tamanho da carteira de identidade legal, com uma borda inferior transparente de dois centímetros. Estas foram colocadas em um suporte de madeira e organizadas em uma linha vertical com um espaçamento de quatro centímetros. Quando olhadas de frente, da primeira para última, é possível enxergar uma mistura dos rostos e números de cada participante, representando o coletivo (Figura 14). Com o deslocamento do observador para as laterais, é possível ver cada composição, indivíduo e numerização, separadamente, representando assim o singular, em uma sociedade (Figura 15).

Figura 14: Montagem das novas identidades em vista frontal.

Fonte: registro da artista.

Figura 15: Montagem das novas identidades visualizadas lateralmente.

Fonte: registro da artista.

A abertura da exposição dos TCC aconteceu dia 29 de novembro de 2018 e estará aberta a visitações até o dia 10 de dezembro de 2018. As identidades acima mostradas são parte do trabalho “(Im)pessoalidade numérica: registro na pele” e foram expostas juntamente com a vídeo performance.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS: SINTESE NUMÉRICA: EQUIVALÊNCIA DE IMPORTÂNCIA.

A pesquisa originária deste trabalho possibilitou um olhar mais amplo para a sociedade. Percebe-se que vivência humana em grupo sempre apresentou, como um de seus principais elementos, os números. A numeração passou por muitas evoluções e, no que diz respeito a seu papel inicial, a contagem de membros de um grupo, permanece exercendo função muito importante até os dias atuais. Na contemporaneidade brasileira existem muitos números de identificação para um mesmo ser. Esses muitos e diferentes números tornam limitada a valorização da individualidade de cada sujeito ativo nas decisões e ações da sociedade. A atual realidade gerou reflexões que possibilitaram o desenvolvimento desse trabalho.

Refletindo sobre a realidade numérica existente no Brasil, mesmo que proporcione benefícios estatísticos para o coletivo, por serem muitos e diferentes números, dificultam a individualidade de cada ser. O individuo acaba resumindo-se em números que não representam a vontade de representatividade e individualidade que o ser humano demonstra interessar-se desde o início de sua existência.

Quando se pensa sobre identidade, associando ao seu sentido numérico e mantendo seu significado de distinguir uma pessoa ou coisa, permitindo sua individualização, cada indivíduo deveria ser representado por um único número. Carlos João Correia, no artigo “A Identidade Narrativa e o Problema da Identidade Pessoal: Tradução Comentada de “L’IdentitéNarrative” de Paul Ricoeur” (s/data), associa identidade a uma folha de papel, quando pintada de azul ou riscada de rosa, permanece sendo a mesma folha de papel. Seguindo esse raciocínio, relacionando a identidade numérica, duas ou mais ações realizadas por uma pessoa com determinado número de identificação dizem respeito única e exclusivamente a esta pessoa e este número. Após o estudo sobre esse conceito, a autora percebeu que a proposta de um único numero de identificação colaboraria tanto para a individualidade quanto para o conceito de identidade no sentido numérico.

Levando em consideração que desde o período Paleolítico, através das Pinturas Rupestres, o Homem Pré-Histórico demonstrava desejo em marcar o mundo onde vivia,conceitos referentes à psicologia foram de grande importância para o desenvolvimento deste trabalho. Este desejo só existe porque o ser humano sempre apresentou uma noção de identidade e unicidade, uma diferenciação entre o eu e o outro. Essa noção de singularidade e diferenciação dos demais inicia aos seis primeiros meses de vida e termina aproximadamente

aos dezoito. A partir desta fase, *Estádio do Espelho*, o indivíduo começa a desenvolver pensamentos que introduzem a formação de identidade e, posteriormente, a possibilidade de questioná-la. Esse primeiro estágio é uma introdução para a formação e desenvolvimento de comparações gramaticais e metáforas. Helena Amstalden Imanishi, em um artigo sobre o estádio do espelho e a sua relação com a metáfora, reflete sobre o papel cognitivo desta figura de linguagem. Para ela todo conhecimento é originado de relações metafóricas ou analógicas, sendo assim, o ser humano possui certa satisfação ao encontrar aspectos de semelhança em suas relações e vivências. Desta forma, mesmo que apresente, desde sua origem, vontade de diferenciação, o ser humano procura em muitos momentos, até mesmo para possibilitar sua evolução, identificar-se com seus semelhantes. Considerando as ideias de Imanishi, o trabalho traz a proposta de uma nova e única numerização, tornando assim possíveis essas duas aspirações humanas de comparação: a semelhança -cada indivíduo parte de uma sociedade será identificado por um único número- e a diferença –cada indivíduo terá seu único número de identificação, diferente dos demais-.

Através da associação entre identidade numérica, psíquica e corporal a autora deste TCC chegou à conclusão que a melhor forma de materializar esses conceitos seria através da *Body Art*, por relacionar arte e vida e utilizar o corpo como suporte para a arte. Os conceitos de desse movimento artístico relacionam-se com identidade corporal e quando explorados através de uma performance, onde a artista tatuou em seu braço a sua nova numerização, associam-se com identidade numérica e psíquica. A identidade psíquica, entretanto, necessita da convivência em coletivo, buscando o equilíbrio entre individualidade e coletividade. Para representar o indivíduo com vivências em sociedade, permitindo valorizar ambos igualmente, a artista propôs uma instalação composta por novas carteiras de identificação compostas apenas por uma foto 3x4 e o novo número de identificação de cada pessoa participante. Essas novas identidades foram impressas em vidro e organizadas em uma linha vertical, para quando vistas de frente representarem o coletivo e com o deslocamento do observador para as laterais é possível visualizar cada identidade separadamente, representando o individual.

Esse trabalho surgiu a partir de um contínuo questionamento sobre efemeridade e desvalorização humana. As frequentes perguntas que a artista fazia a si mesma sobre os números de identificação exigidos no Brasil e como estes limitam um reconhecimento individual, trouxe a tona a possibilidade de uma valorização equivalente entre individual e coletivo. O trabalho seguiu na linha de produção que a artista está inserida nos últimos anos, seguindo ideia de ressignificação de objetos, nesse caso, carteiras de identidade. A tatuagem

da nova numeração da artista também trouxe novos significados para o seu trabalho como tatuadora. Permitiu uma maior visualização das ideias de identidade corporal e utilização do corpo como questionamento e subversão as normas socialmente impostas, propostas e utilizadas pela técnica da tatuagem desde sua invenção. O “(Im)pessoalidade numérica: Registro na pele”, através de referências, pesquisas e amadurecimento de ideias, proporcionou desenvolvimento de pensamentos e propostas para futuros projetos que seguem a mesma linha de produção.

REFERÊNCIAS

BIRD, Michael. **100 ideias que mudaram a arte.** Tradução: Marina Mariz. São Paulo, SP; Rosari 2012.

BOUSSO, Vitória Daniela. **Metacorpo: A trajetória da subjetividade ao longo de um século.** 2006. Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica.Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo. 2006.

CARVALHO, Ana Maria Albani de. **Instalação como problemática artística contemporânea: os modos de espacialização e a especificidade do sítio**. 2005. Doutorado (Programa de Pós Graduação em Artes Visuais) -Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2005.

CORREIA, Carlos João. **A Identidade Narrativa e o Problema da Identidade Pessoal.Tradução Comentada de "L'IdentitéNarrative" de Paul Ricoeur.** Universidade de Lisboa. Disponível em: http://www.porta33.com/eventos/content_eventos/Identidade(s)/_pdf/Paul_Ricoeur_A%20IDENTIDADE_NARRATIVA.pdf. Acesso em: 28 de Nov. de 2018

DAVID, Markus. **Art in America**, 2015. Disponível em: https://www.artinamericamagazine.com/reviews/on-kawara/. Acesso em: 13 de Nov. de 2018.

DEMPSEY, Amy. **Estilos, escolas e Movimentos**. Edição original. Londres. Thames& Hudson Ltd. 2002.

FROIS, Erica; MOREIRA, Jacqueline; STENGEL, Márcia. **Mídias e a Imagem Corporal na Adolescência: O corpo em discussão.** 2011. Psicologia em Estudo, Maringá. 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/pe/v16n1/a09v16n1.pdf. Acesso em: 28 de Nov. de 2018.

GUANAES, Carla; JAPUR, Marisa. **Psicologia: Teoria e Pesquisa.**2003. Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2003.

GUSSO, Francisco Benvenuto. **A Tatuagem como linguagem artística na contemporaneidade.** 2016. Disponivel em:https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:F9_9nIr4-vwJ:https://revistas.ufpr.br/vernaculo/article/download/38520/27548+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br. Acesso em: 19 de Nov. de 2018.

GRIMES, William.**RomanOpalka, na Artist of Numbers, Is Dead at 79.**2011. Disponível em: https://www.nytimes.com/2011/08/10/arts/design/roman-opalka-conceptual-artist-with-numerical-focus-is-dead-at-79.html. Acesso em: 13 de Nov. de 2018.

IFRAH, Georges. **Os números: História de uma grande invenção.**Edição São Paulo. Editora Globo S.A. 2005. Disponível em: https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=Kj7YPbL-LAYC&oi=fnd&pg=PA21&dq=georges+ifrah+a+historia+dos+numetos&ots=PMfkvC4DRS&sig=tYw5-kAF_NMDYSs9M5WWgLrRcL4#v=onepage&q=georges%20ifrah%20a%20historia%20dos%20numetos&f=false. Acesso em: 27 de Nov. de 2018.

LEITÃO, Débora Krischke. **Mudança de Significado da Tatuagem Contemporânea.** 2004. Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos. Editor Inácio Neutzling, SJ. 2004.

MEDEIROS. Maria Beatriz de. Aisthesis. **Estética, educação e comunidades**. Chapecó: Argos, 2005.

MEDEIROS, Maria Beatriz de. **Performance artística e espaços de fogo cruzado.** (sem ano). Disponível em: http://webartes.dominiotemporario.com/performancecorpopolitica/textosespacoperformance/maria%20beatriz%20de%20medeiros.pdf. Acesso em: 28 de Nov. de 2018.

ON KawaraOneMillionYears 1999.**MOMA**, 2008. Disponívelem: https://www.moma.org/collection/works/88213. Acesso em: 13 de Nov. de 2018.

PINHO, Armando F.; OLIVEIRA, João Manuel de. **O olhar político feminista na performance artística autobiográfica**. Exaequo, Vila Franca de Xira , n. 27, p. 56-76, 2013 . Disponível em http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-55602013000100005&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 21 jun. 2018.

RAFAEL, Assef. **Enciclopédia Itaú Cultural.**2018. Disponível em: http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa16905/rafael-assef. Acesso em: 19 de Nov. de 2018.

ROZA-GARCIA, Luiz Alfredo. **Freud e o inconsciente.**Jorge Zahar Editor Ltda. Jorge Zahar Editor Ltda. 2009.
http://ghiraldelli.pro.br/wp-content/uploads/GARCIA-ROZA-Luiz-Alfredo.-Freud-e-o-Inconsciente.pdf
http://www.atenas.edu.br/faculdade/arquivos/nucleoiniciacaociencia/revistas/revist2010/11.pdf

SANTOS, José Mario Peixoto. **Breve Histórico da “Performance Art” no Brasil e no Mundo.** 2008. Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Escola de Belas Artes. Universidade Federal da Bahia. 2008.

TEDESCO, Elaine. **Instalação: Campo de Relações.** 2004. Programa de Pós-Graduação em Ensino da Arte. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2004.

WALMOR Correa e SporophilaBeltoni. **Instituto Ling**, 2018. Disponível em: https://www.institutoling.org.br/index.php/walmor-correa-e-sporophila-beltoni.html. Acesso em: 12 de Nov. de 2018.

WOOD, Paul. **Movimentos da Arte Moderna: Arte Conceitual.** Edição São Paulo. Cosac &Naify Edições. 2002.